

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: ULRIKE OTTINGER
23 de Outubro de 2021

STILL MOVING / 2009

Um filme de Ulrike Ottinger

Realização, Argumento e Imagem: Ulrike Ottinger / Montagem: Bettina Blickwede

Produção: Ulrike Ottinger Filmproduktion / Cópia: digital, cor, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 29 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

UNTER SCHNEE / 2011
(“Debaixo de Neve”)

Um filme de Ulrike Ottinger

Realização, Argumento e Imagem: Ulrike Ottinger / Música: Yumiko Tanaka / Som: Andreas Mücke Nyesitka / Montagem: Bettina Blickwede / Narração: Eva Mattes / Actores de kabuki: Takamasa Fujima e Kyotsugu Fujima.

Produção: Ulrike Ottinger Filmproduktion / Produtores: Ulrike Ottinger e Heino Deckert / Cópia: digital, cor, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 108 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com a presença de Ulrike Ottinger

Dois exemplos do trabalho recente de Ulrike Ottinger, e dois exemplos do interesse da realizadora pela aproximação a formas culturais exógenas, algo que, em boa verdade, esteve sempre presente na sua obra.

São também dois filmes de fôlego bastante diverso. O primeiro é uma espécie de pequeno musical memorabilista, composto como uma sinfonia de cores e formas. Concebido por encomenda do Arsenal berlinense para integrar uma exposição dedicada ao cineasta americano “underground” Jack Smith, **Still Moving** (título que integra um trocadilho: pode-se ler como “ainda em movimento”, mas também como “still’ em movimento”, fotografias ou imagens estáticas postas em movimento) combina imagens de colecções de objectos, fotografias e filmes de super 8. Os objectos são pequenas estatuetas, oriundas da colecção “africanista” do pai de Ottinger, cuja utilização lembra, em certo momentos, o trabalho de Rithy Panh em **L’Image Manquante**, embora aqui o contexto seja, como é óbvio, radicalmente diferente. Depois, há muitos fotos do arquivo pessoal de Ottinger, articuladas com excertos de um super 8, também filmado pela realizadora, que documenta uma festa de aniversário, nos anos 70, da célebre artista de cabaret Lil Picard, que por essa altura se tornara uma das muitas vedetas do “underground” que frequentam a Factory de Andy Warhol e os circuitos da cultura novaiorquina de “vanguarda”. Ao articular todos estes elementos, sempre ao som de música festiva e, ela própria, sempre reenviando para uma polifonia cultural, Ottinger constroi uma pequena tapeçaria da(s) cultura(s) popular(es) do século XX.

Unter Schnee é uma manifestação da atracção de Ottinger pela Ásia e pelas culturas asiáticas. Um fascínio que, explica, ela, começou quando tinha nove anos de idade e “abriu um baú mongol em a casa de um amigo pintor”, onde encontrou “uma caixa de rapé de coral, tigelas de chá, chifres de carneiro selvagem e todo tipo de coisas que inspiram fantasias infantis”. Mas o foco deste filme está numa parte muito específica da Ásia, a região japonesa de Echigo, apresentada nos planos iniciais através de um longo e belíssimo travelling que percorre a invernia e a paisagem tornada quase uniformemente branca. Em parte, **Unter Schnee** é sobre os modos de vida tradicionais da população daquela região, cobertos em vários apontamentos que nos mostram homens e mulheres em actividades do dia a dia, laborais ou mais prazerosas. Mas Ottinger é daquelas realizadoras que não acreditam que a realidade é suficiente para dar conta da realidade; e que acreditam, como por exemplo Rossellini em **Matri Bhumí**, que a realidade é também uma questão de imaginário, e que dar a realidade sem dar o imaginário, e o modo como uma coisa se entranha na outra, é não ficar com realidade nenhuma. De maneira que, ao longo de **Unter Schnee**, corre também o relato de qualquer coisa mais “mágica”, mais do domínio da “fábula”, que tanto irrompe na voz “off” como na banda de imagem, representada por actores de kabuki. O extremo artifício, a extrema codificação, a mais profunda especificidade cultural, dialogam então com a natureza, com as actividades do dia a dia, como se Ottinger nos falasse de um mundo atravessado por uma espécie de magia, uma magia que é preciso compreender para se compreender o mundo.

Luís Miguel Oliveira